

A RÁDIO COLMÉIA DE PATO BRANCO NA REVOLTA DOS POSSEIROS DE 1957

PEGORARO, Éverly. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professora colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro, em Guarapuava – PR. E-mail: everlyp@yahoo.com.br.

Este artigo apresenta a participação da Rádio Colméia de Pato Branco no levante agrário conhecido como Revolta dos Posseiros de 1957, que envolveu colonos, posseiros, companhias de terras e o governo do Paraná na luta pela posse de terra no Sudoeste do Estado. Único veículo de comunicação da região nessa época, em meio a uma população em sua grande maioria analfabeta, o rádio desempenhava a função de informador, mediador e conselheiro. Seus radialistas eram tidos em grande consideração pelos ouvintes. Foi dessa forma que Ivo Thomazoni, radialista da Colméia em Pato Branco, foi gradativamente assumindo o papel de uma das lideranças do levante. A emissora não apenas fornecia informações sobre as dificuldades enfrentadas por colonos e posseiros para o público ouvinte, mas também alimentava a imprensa de Curitiba, pois somente no mês de outubro de 1957 alguns veículos de comunicação enviaram repórteres para cobrir *in loco* o conflito. Enquanto a imprensa da capital do Estado, distante do cotidiano de luta, abordava principalmente o aspecto político do movimento agrário, a imprensa regional tomava parte direta no confronto, embora sem abandonar os seus próprios interesses partidários.

Palavras-chave: Rádio Colméia de Pato Branco, Revolta dos Posseiros de 1957, História do Paraná.

Trinta e um anos depois da instalação oficial da radiodifusão no Brasil¹, a pequena comunidade de Villa Nova (que futuramente passaria a ser chamada de Pato Branco) recebe o primeiro veículo de comunicação do Sudoeste do Paraná: a Rádio Colméia. Até então, os poucos habitantes que o vilarejo possuía tinham apenas o telégrafo e o alto-falante instalado na praça central como formas de divulgação de notícias, além das conversas informais, é claro.

Os irmãos gaúchos Paulo e Otávio Rotilli, além de Norberto Bonher e Venignus Elisius Winkelmann, formaram sociedade para administrar a concessão da rádio, que foi autorizada pela portaria número 119 do Diário Oficial de 16 de fevereiro de 1954, a funcionar na frequência 1520 KHz com potência de 100 watts².

¹ 20 de abril de 1923 é a data de instalação da radiodifusão no Brasil. Um ano antes, em 7 de setembro de 1922, o rádio tem suas primeiras transmissões experimentais no Rio de Janeiro, como parte das comemorações ao Centenário da Independência.

² MIOTTO, Cirene Vanzella. **Rádio Celinauta 50 anos: ondas que unem o Sudoeste do Paraná**. Pato Branco: Fadep, 2004, p. 43.

Otávio Rotilli tinha concessão do governo federal para instalar três emissoras de rádio: uma em Pato Branco, uma em Toledo e outra em Francisco Beltrão, todas no Paraná. Posteriormente, foram autorizadas outras para várias cidades, como Campo Mourão, União da Vitória e Cascavel, resultando na Rede Colméia de Rádios³.

A Rádio Colméia de Pato Branco, portanto, foi a primeira do conjunto, passando a funcionar em caráter experimental em 31 de maio de 1954 e inaugurada oficialmente em 31 de julho do mesmo ano, tendo como diretor administrativo Otávio Rotilli e diretor técnico Francisco Norberto Bonher.

Contudo, foi através do radialista Ivo Thomazoni que a emissora tornou-se um dos principais megafones de uma luta agrária que já acontecia no Sudoeste paranaense há várias décadas. De origem catarinense, Thomazoni ingressou na Rádio Colméia em meados de 1954. Trabalhou na redação e na locução, tornando-se, em pouco tempo, responsável pelo departamento informativo. Entrava ao ar às 12h30min, para retransmitir informações colhidas das rádios Farroupilha, Nacional e Gaúcha e também do Repórter Esso. É dele a primeira reportagem externa da emissora, na inauguração da Igreja dos Ucrâinos. Cobertura de eleições, jogos de futebol, corridas de cavalos, além da transmissão de rituais católicos, também fazem parte de sua experiência como locutor da emissora pato-branquense.

O início da era televisiva, na década de 1950, exigiu do rádio a busca de novos rumos para garantir seu espaço na sociedade. A linguagem popularizou-se mais, buscando uma identificação maior com o seu público, em grande parte analfabeta ainda. Fortaleceram-se o radiojornalismo e a prestação de serviços⁴, aliás, duas áreas fortes da Rádio Colméia em Pato Branco. O radiojornalismo da emissora tinha uma peculiaridade, revelada por Inelci Pedro Matiello, um dos primeiros funcionários da emissora pato-branquense, trabalhando como sonoplasta e, posteriormente, como radialista esportivo e comentarista televisivo.

Na região, nós tínhamos correspondentes. A dona Erta era correspondente em Chopinzinho. Ela mandava pelo correio as notícias, os avisos, as notícias de um fato extraordinário. A dona Nelza Braun (...) era correspondente em Mangueirinha. (...) E as notícias daqui nós mesmos procurávamos por aí. E as notícias de fora do Paraná nós cortávamos do jornal, o “gilete press”,

³ Ibid., p. 18.

⁴ ORTRIWANO, Gisela. O rádio no Brasil. In: **A informação no Rádio**. São Paulo: Summus, p. 21.

nós cortávamos com gilete para dar notícias principais, então, mesmo com atraso, passava a gilete para divulgar no rádio⁵.

É interessante observar que os próprios ouvintes tornavam-se repórteres e editores das informações que, posteriormente, fariam parte do conteúdo jornalístico da Rádio Colméia. Repórteres porque esses correspondentes iam atrás dos fatos, procurando por pessoas que pudessem dar informação. Editores porque funcionavam como filtros das notícias que achavam mais interessantes ao público, da qual faziam parte também. Era um trabalho voluntário feito por correspondentes que gozavam de credibilidade por parte dos locutores, segundo Matiello.

Nós colocamos um aviso no ar, quem se interessava em ser correspondente da Rádio Celinauta⁶. Muitas pessoas vinham para cá e não tinha ordenado nenhum, faziam isso por amor, quer dizer, o rádio até hoje é forte, era mais forte ainda, não tínhamos televisão, então faziam esse trabalho por amor, gratuitamente para a rádio. Essas pessoas, tínhamos em Beltrão, Vitorino, Clevelândia, Mariópolis, não tínhamos asfalto, era uma coisa... Mas funcionava direitinho (...) não tinha outro recurso, absolutamente, não tinha telefone, não tinha nada. Era através disso⁷.

Vale ressaltar que os jornais de Curitiba demoravam muito para chegar a Pato Branco. Na década de 1950, ainda não existia asfalto nas estradas que conduziam o Sudoeste à capital. Uma viagem até Curitiba poderia demorar vários dias, ao contrário das cerca de seis horas que leva atualmente (a distância entre Curitiba e Pato Branco é de aproximadamente 500 quilômetros). Portanto, a região alimentava-se quase que exclusivamente das informações transmitidas via Rádio Colméia.

O alcance regional garantia a interatividade entre público e radialistas, pois moradores de diversos municípios acompanhavam a programação. Assim, se alguém precisava dar um aviso a um parente ou amigo que morava em uma cidade vizinha, utilizava este veículo de comunicação. Credita-se a essa interatividade e a esse respeito, inclusive, a participação ativa da Rádio Colméia na Revolta dos Posseiros, assunto que tratarei mais adiante.

⁵ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista gravada concedida a Éverly Pegoraro em 7 de julho de 2006 em Pato Branco. Em todas as declarações dos depoentes contidas neste artigo, optei por não editar suas falas, seguindo a metodologia utilizada pelos historiadores.

⁶ A Rádio Colméia passou a denominar-se Rádio Celinauta em fins de 1957, como explicarei mais adiante. Nessa declaração, Matiello quer referir-se a Rádio Colméia ainda.

⁷ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista ...

... em 55, que eu me lembro bem, o Nilton Gotli era locutor da rádio também, ele abria o estúdio, as pessoas entravam no estúdio e davam o recado. *Aqui é a Fulana de Tal, o Fulano de Tal, quero avisar meu pai, não sei aonde, meu irmão, Fulano, venha a Pato Branco amanhã, ou estarei aí amanhã, me encontre na encruzilhada.* O próprio povo ia para o microfone, se identificava e dava o aviso. Sem cobrar nada, veja a importância!⁸

A Rádio Colméia de Pato Branco gozou de exclusividade até o início de 1957, quando surgiu a Rádio Colméia em Francisco Beltrão. Além do conflito de terras que permeou a história do Sudoeste em 1957, outro fator marcou a trajetória da Rádio Colméia nesse ano. Os frades franciscanos, que há algum tempo manifestavam interesse em comprar a emissora de Otávio Rotilli, finalmente conseguiram adquiri-la. Matiello revela que Rotilli, assim como Thomazoni e outros envolvidos na revolta, corriam risco de vida, sendo constantemente ameaçados. Então, Rotilli achou por bem vender a emissora de Pato Branco e de outras cidades também⁹.

Dessa forma, em outubro de 1957, justamente no mês em que os colonos tomaram as cidades do Sudoeste como manifestação contra as companhias grileiras de terras, a Província Franciscana adquiriu oficialmente a Rádio Colméia de Pato Branco por 1 milhão e 800 mil cruzeiros. No Livro das Crônicas dos Franciscanos em Pato Branco, consta como objetivos da compra da emissora os seguintes: “unicamente acabar com a propaganda protestante e espalhar o bem”. Nessa venda, houve a mudança do nome de Rádio Colméia para Rádio Celinauta, cujo significado é “aquela que conduz ao Céu” (Coeli = céu e Nauta = navegante).

A Revolta dos Posseiros de 1957

Antes de tratar efetivamente da participação da Rádio Colméia de Pato Branco na Revolta dos Posseiros de 1957, cabem algumas explicações sobre o levante. O Sudoeste do Paraná, desde o início de seu povoamento, foi uma terra marcada por disputas¹⁰. A região era formada basicamente por duas glebas, a Missões e a Chopim.

⁸ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista ...

⁹ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista ...

¹⁰ Há uma vasta bibliografia sobre as disputas de terras no Sudoeste do Paraná. Alguns exemplos: FOWERAKER, Joe. **A Luta Pela Terra**. A economia política da fronteira pioneira no Brasil de 1930 aos dias atuais. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981; LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no Sudoeste paranaense**. Curitiba: SECE/BPP, 1986; NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001; RÊGO, Rubem Murilo Leão. **Terra de Violência: Um Estudo sobre a Luta pela Terra no Sudoeste do Paraná**. São Paulo: USP, 1979. Dissertação de mestrado em sociologia. (datil.); WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba: Litero-Técnica, 1985; WESTPHALEN, Cecília. Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Estado do Paraná.

Estas, mesmo em disputa entre os governos federal e estadual há vários anos, foi cedida a colonos – principalmente vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina – através da Colônia Agrícola General Osório (Cango). Outro fator agravava a situação: as mesmas terras foram negociadas como pagamento à Clevelândia Industrial e Territorial Limitada (Citla), uma companhia de terras que tinha entre seus sócios o governador do Paraná no período, Moysés Lupion. Essa transação foi contestada legalmente, devido às inúmeras irregularidades da operação. Entretanto, essa companhia e mais duas – a Companhia Comercial e Agrícola Paraná Ltda. e a Imobiliária Apucarana Ltda. (juridicamente desmembradas da Citla) – continuaram atuando na região. Além desses pretensos proprietários, ainda havia inúmeros posseiros que estavam lá há várias décadas.

As companhias imobiliárias eram classificadas de grileiras devido às irregularidades dos títulos de propriedade que emitiam, já que o seu direito de posse foi negado pela justiça e, mesmo assim, vendiam terras sem autorização legal, mediante falsas escrituras de propriedade¹¹. Os posseiros, por sua vez, eram alvo das companhias grileiras que reclamavam a titulação das terras. As companhias forçavam colonos e posseiros a comprar as áreas onde moravam, exigindo uma entrada para oficializar a transação e a assinatura de promissórias. Como os representantes das empresas sabiam que o que faziam era ilegal, tinham pressa em “acertar” a situação, arrecadando o máximo de dinheiro no menor tempo possível.

É aqui que surge a figura do jagunço, homem de índole duvidosa contratado para a manutenção da ordem imposta pelas companhias¹². Quando a situação não se fazia de forma “amigável”, ele era contratado para forçar os colonos e os posseiros a saírem das terras ou a pagarem a dívida. A violência começou a ser freqüente entre os jagunços e os colonos que não sabiam o que fazer para garantir suas propriedades. Expulsões, espancamentos, estupros e até mesmo assassinatos aconteciam e eram relatados através das duas emissoras de rádios locais e de boca em boca. Para garantir que o direito de propriedade privada fosse respeitado, valiam os mecanismos de persuasão e de ameaça para que os colonos e os posseiros reconhecessem quem eram os “verdadeiros” possuidores daquela área.

Boletim da UFPR, nº 7, pp. 1-52, 1968.

¹¹ MOTTA, Márcia. Grilagem. IN: MOTTA, Márcia (org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005, p. 238.

¹² BARROS, Luitgarde. Jagunço. IN: *Ibid.*, p. 267.

Em 1957, colonos e posseiros estabeleceram diversas estratégias de resistência e luta às investidas dos jagunços contratados pelas companhias grileiras para amedrontá-los e expulsá-los de suas terras. Entre os dias 9 e 12 de outubro desse ano, posseiros e colonos se organizaram em um conflito armado, tomaram as suas cidades e expulsaram as companhias de terras e os jagunços, além de exigir a designação de novas autoridades municipais¹³.

As emissoras Colméia, tanto em Pato Branco como em Francisco Beltrão, desempenharam papel relevante durante o conflito. Primeiramente, porque Ivo Thomazoni, radialista da Colméia em Pato Branco, foi gradativamente assumindo o papel de uma das lideranças do levante. Já em Francisco Beltrão, eram os próprios acionistas da emissora que tomavam partido a favor dos colonos. Neste artigo, irei me deter na participação da Rádio Colméia de Pato Branco nesse movimento agrário.

A porta-voz dos colonos

A princípio, o radialista Ivo Thomazoni revela que os diretores da Colméia em Pato Branco não queriam envolver-se na questão entre colonos e companhias de terras. Entretanto, Matiello acrescenta que foi principalmente a insistência de Jácomo Trento (mais conhecido como Porto Alegre), de quem falarei a seguir, que convenceu os dirigentes da emissora sobre a importância de divulgar o que estava ocorrendo.

Eu lembro bem que o Thomazoni conversou com o dono da rádio, o Rottili, que não queria que a rádio entrasse na revolta, mas, o apelo popular, do próprio Porto Alegre, e tanta gente... eu me lembro de uma senhora que perdeu o marido e quatro filhos....isso eu me lembro bem. Chegou na rádio e eu me lembro, falando com o Thomazoni, pedindo *pelo amor de Deus, justiça!* Então a rádio se encaminhou pra esse lado, perigosamente se encaminhou pra esse lado...¹⁴

Os apelos de Jácomo Trento se justificam pelo fato de que era ele quem tinha contato mais direto com os colonos e posseiros, já que passava a semana inteira

¹³ Para um aprofundamento sobre o tema Revolta dos Posseiros de 1957, pesquisar: COLNAGHI, Maria Cristina. **Colonos e poder**: a luta pela terra no sudoeste do Paraná. Curitiba, 1984, 187p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). UFPR; GOMES, Iria Zanoni. **1957. A Revolta dos Posseiros**. 2ª ed. Curitiba: Criar Edições, 1987; MARTINS, Rubens da Silva. **Entre jagunços e posseiros**. 1ª ed. Curitiba: Studio GMP, 1986; PEGORARO, Éverly. **Dizeres em confronto**: A Revolta dos Posseiros de 1957 na Imprensa Paranaense. Niterói, 2007. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense; VOLTOLINI, Sittilo. **Retorno 2**. Pato Branco na Revolta dos Posseiros de 1957. 2 ed. Pato Branco: Fatex, 2003.

¹⁴ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista ...

percorrendo o interior e tentando convencê-los a comprar seus equipamentos radiofônicos. Porto Alegre relatava ao Thomazoni e ao Rotilli o que ouvia, as violências e as injustiças cometidas.

E o Porto Alegre vendia rádios no interior, com um jipe se enfiava vendendo rádio a bateria (...) e foi ouvindo dos colonos o direito de posse. Quer dizer, o colono estava lá na terra dele, foi ouvindo as lamentações, os crimes, as pessoas que os jagunços matavam, e foi alimentando esta idéia e trazendo notícias para o Thomazoni. Diz: *'olha, você é o único que pode, através de comentários, aí nos defender, pelo amor de Deus'*. E o Thomazoni, com 26 anos de idade, com revólver na cinta, levou comentários, com policial na porta da rádio, no corredor da rádio, polícias na porta do estúdio, e eu ali, na sonoplastia, eu era sempre o sonoplasta do Thomazoni, e o Porto Alegre vinha com as notícias, mataram o Fulano, mataram o Ciclano. (...) Então, a Rádio Colméia, hoje Celinauta, ela foi realmente quem se levantou porta-voz dos colonos.¹⁵

Porto Alegre chegou a Pato Branco em 1953 para trabalhar como mecânico. Alguns anos mais tarde, juntamente com o sócio Otávio Bertinatto, investiu na compra da Casa Rádio, pertencente aos mesmos proprietários da Rádio Colméia e que funcionava no andar térreo da emissora. Nas suas andanças pelo interior, muitas vezes Porto Alegre chegava a pernoitar nas casas dos colonos, fator que propiciava um clima de confiança e confidências.

Quando eu estava às vezes num hotel, restaurante, ou na cidade, juntava colono ao redor de mim e eles confiavam, (...) eu passei a ser confidente deles, só que as minhas confidências eu fazia no público e as deles eles me faziam na casa deles¹⁶.

Ele garante que confirmava os relatos com outros colonos antes de transmiti-los ao Thomazoni. Se mentiras fossem ao ar, justifica, sua morte seria certa, já que passava a semana inteira em andanças pelo interior do município. Além disso, perderia a confiança que os colonos depositavam nele. Isso também seria ruim para o seu próprio negócio. Conta, ainda, que aconselhava os colonos a manterem a calma e aguardarem por notícias que seriam transmitidas pela emissora.

Porto Alegre acredita que a Rádio Colméia foi o instrumento da mobilização popular. Ele explica que a emissora funcionava com uma espécie de quartel de organização dos líderes. Era o veículo de comunicação que mediava informações entre

¹⁵ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista ...

¹⁶ TRENTO, Jácomo. Entrevista concedida a Éverly Pegoraro em 03 de maio de 2007, em Pato Branco.

líderes, colonos e posseiros. Foi através da emissora que estes últimos foram chamados para a cidade, com o objetivo de dar início ao levante armado.

A gente fez o comunicado confiando que o povo ia aderir. E aderiu. Eu tinha certeza, eu não tive um segundo de medo. O Ivo Thomazoni disse: *e se o povo não vem? O povo vem*, eu disse, *pode chamar que o povo vem*¹⁷.

Para que a rádio não tivesse seu funcionamento suspenso durante o levante, houve um acordo entre Porto Alegre, Thomazoni e Rotilli, o proprietário da emissora.

O Thomazoni tinha que ficar como obrigado a falar, por causa da rádio. Na hora, o dono da rádio disse *vocês têm que dizer que essa rádio vocês tomaram ela, e que o Thomazoni é prisioneiro de vocês e tá falando 'na marra'*. Essa parte foi combinada, porque senão eles tomavam a rádio. (...) Eu dei entrevista no Dentel e falei que eu tinha liderado um monte de coisas, que o Ivo Thomazoni era obrigado a falar o que a gente queria. Mas claro que não, isso aí foi para defender a rádio. Porque senão o Otávio Rotilli não ia perder só essa rádio. Ia perder todas as cinco que já tinha instalado e a concessão das outras cinco que ia instalar¹⁸.

A voz do Thomazoni era conhecida por todos aqueles que ouviam os programas da emissora. Entretanto, foi com a Revolta de 1957 que o seu nome passou a ser mais respeitado pelos colonos, que procuravam a rádio em busca de ajuda, e odiado pelos políticos aliados ao governador Lupion, já que Thomazoni tornou-se seu inimigo, falando abertamente contra ele através de seu programa ironicamente chamado “Não atacamos, comentamos”. O motivo principal dos ataques, de acordo com o locutor, era o fato de Lupion e outros pessedistas da região estarem ligados a Citla, uma das companhias de terras que promovia a discórdia no Sudoeste.

Matiello declara que o envolvimento da emissora não tinha finalidades políticas. A solidariedade aos colonos e posseiros e o reconhecimento de sua causa como justa são, na opinião de Matiello, os dois principais motivos da participação da rádio no levante, apesar de o proprietário Rotilli ser relutante ao envolvimento a ponto de vender a emissora aos franciscanos.

Entretanto, a mediação da emissora no conflito, por si só, já representa uma opção política e uma manifestação de poder. Principalmente se analisarmos que a própria língua é um suporte de poder e quem a domina, quem tem condições de

¹⁷ TRENTO, Jácomo. Entrevista...

¹⁸ TRENTO, Jácomo. Entrevista...

produzir o discurso, detém o poder não apenas sobre a língua, mas também sobre o seu capital. A palavra por si só não tem poder. Sua eficácia simbólica depende de seu portavoz e da credibilidade que este dispõe no campo social¹⁹.

No caso da Rádio Colméia, os seus locutores, ou porta-vozes do conflito, dispunham de credibilidade suficiente para serem ouvidos e influenciar, conseqüentemente, detinham poder. Constata-se, assim, a presença de um discurso detentor de poder de legitimação, através de sua função mediadora. Portanto, a coerção aconteceu de forma indireta, sob o efeito da detenção do poder simbólico, que foi exercido a partir do discurso radiofônico. Uma luta simbólica que impôs, sim, uma definição de mundo social que mais se adequou aos interesses (individuais e coletivos) daqueles que representavam a rádio.

Os posseiros sabiam da abrangência e da força que o veículo possuía na região. Além disso, confiavam nos radialistas que tanto admiravam. Esses assumiam, aos olhos dos posseiros, a representação de heróis, de justiceiros capazes de ajudá-los numa luta na qual o Estado parecia não estar do seu lado.

Então, os colonos passaram a confiar neste veículo de comunicação e no locutor que representava os colonos. (...) Contavam, choravam o que eles passavam. A maioria que perderam filho, perderam filha, perderam mulher, ou filho chorando a morte do pai, porque a comunicação era tão estreita... (...) quando o Thomazoni começou a fazer o comentário dele “Não atacamos, comentamos”, os colonos vinham a Pato Branco, e eram entrevistados pelo Ivo, contando suas histórias, que perderam a terra, que incendiaram a casa, que mataram o gado, que mataram filhos e tal.²⁰

Thomazoni comenta que a possibilidade de falar sobre o problema que enfrentavam era mais que um desabafo para os colonos, era uma maneira de tentar enganar os jagunços das companhias. Ao mesmo tempo, acredita que a sua posição como locutor era um ponto positivo para os colonos, pois representava ameaça aos jagunços a possibilidade de irem ao ar os problemas da região.

Não raras vezes eles iam lá e diziam: por favor, avisa a minha família que eu estou viajando, que eu viajei e só volto na semana que vem, mas vocês cuidem de mim aqui, porque se eu for lá agora eles vão estar lá me pressionando e vão querer me bater. E agora não estou preparado, quero que eles pensem que eu fui buscar o dinheiro lá ou fazer alguma coisa. Mas

¹⁹ Cf. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

²⁰ MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista ...

isto era toda semana, nós tínhamos desses pedidos. (...) Todas as queixas eles queriam que fossem ao ar. Eles se sentiam bem quando o nome deles era citado, porque eles achavam que amedrontava o pessoal da Citla, porque a Citla passou a entender que eles tinham um bom relacionamento conosco, com o Porto Alegre, comigo, com o pessoal. Porque o Porto Alegre sempre passava na casa deles e trazia as notícias quando eles não vinham, e eu divulgava.²¹

A própria saída de Thomazoni da emissora foi por motivos políticos, em meados de 1958.

Eu deixei a rádio porque o Lupion exigiu que eu fosse posto pra rua, porque ele me considerava inimigo número um do governo do PSD, em razão do movimento armado que nós fizemos contra a Citla da qual ele era um dos donos. (...) E a história que me contou o Frei Inocêncio, ele fumava um cachimbo, era velhinho, um franciscano de alma pura, extraordinariamente bom, um dia ele chegou na rádio e disse: *Ivo, eu lamento muito em dizer a você que o Bispo pediu que nós o dispensássemos*. Eu disse: *não, não tem problema*. O Frei Inocêncio me disse: *Ivo, desculpe, mas nós estamos dispensando você a pedido do bispo*. Porque o bispo não pôde honrar um compromisso que ele tinha junto ao Banco do Estado do Paraná, dinheiro para a construção do Palácio Episcopal de Palmas. E ele veio ao Banco do Estado e pediu renovação do empréstimo. E a que teriam dito: *não, nós renovamos o empréstimo, desde que o Ivo Thomazoni não esteja mais na rádio, não nos incomode mais*. E eu saí imediatamente, sem problema nenhum, voltei pra Francisco Beltrão, voltei pra mesma Casa de Comércio e, meses depois, eles me chamaram, os padres me chamaram de volta²².

A participação da emissora acontecia de duas formas. A primeira com as intervenções do próprio Thomazoni, que emitia suas opiniões e denunciava os crimes, principalmente através do seu programa, que era patrocinado pela Casa Rádio de Jácomo Trento. A segunda quando os próprios colonos e posseiros iam até a rádio e desabafavam as injustiças que sofriam ao Thomazoni. Entre os depoentes, não houve consenso quanto ao uso direto ou não do microfone pelos colonos e posseiros. Entretanto, ainda que eles não tenham falado diretamente no microfone, os relatos (mesmo mediados pelo radialista) serviam para aproximar os ouvintes, propiciando um efeito de realidade e uma gama de sentimentos, como revolta, indignação, solidariedade, simpatia do público pela causa dos colonos e posseiros. “A função mediadora que o jornalismo assume - entre os diversos discursos produzidos na sociedade e o seu público

²¹ THOMAZONI, Ivo. Entrevista gravada concedida a Éverly Pegoraro em 12 de setembro de 2006 em Curitiba.

²² THOMAZONI, Ivo. Entrevista ...

- faz com que processe e absorva em seu conteúdo os atos de fala de diferentes atores sociais”²³.

Por mais que Thomazoni insistia em dizer que não gostava de política na época, não há como separar os seus interesses políticos do intento de auxiliar os colonos.

Eles quiseram nos comprar para que não fizéssemos oposição, mas nós víamos que a população inteira, com exceção dos homens do PSD, que eram ligados a Citla e ao governo, em todos o desejo ardente, o desejo era de que as terras tivessem uma definição²⁴.

Em meados de 1956, ele reorganizou diretórios da UDN em Pato Branco e demais municípios do Sudoeste, partido de forte oposição ao PSD, do governador do Estado, e também ao PTB. Anteriormente, o partido já havia tentado formar uma representatividade no município, mas não havia dado certo.

O envolvimento mais explícito de Thomazoni na política aconteceu depois do conflito. O principal objetivo da UDN era fazer oposição à famosa família de Manoel Martins, que comandava politicamente a região e residia em Clevelândia. Seus dois genros estavam em lados aparentemente opostos. O deputado Antonio Anibelli militava pelo PTB e o deputado Cândido Machado de Oliveira Neto pelo PSD.

Eles tinham representação na Assembléia Legislativa, mas eram genros do mesmo homem, que mandava de Clevelândia para o Sudoeste inteiro, com um genro quando o partido dele estava no poder, e com o outro genro quando o partido do outro estava no poder. (...) Eu tinha 27 anos, era guri, não entendia nada de política, não gostava de política. Mas depois do movimento de 57 nós achamos que era necessário começar um movimento para pôr uma cunha e tirar Clevelândia do trono do Sudoeste²⁵.

Sua carreira política perdurou por vários anos, como prefeito de Pato Branco e deputado estadual por vários mandatos.

Vale a pena destacar que a emissora foi ameaçada de ser fechada pelo próprio governador do Estado, Moysés Lupion. A alegação era de que a rádio era perturbadora da ordem pública e tinha tendências subversivas, de acordo com a entrevista que Thomazoni forneceu ao O Estado do Paraná em 13 de novembro de 1957. Mas a

²³ MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico**. Disponível em <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch-novaera.html>. Acesso em 30 de julho de 2006.

²⁴ THOMAZONI, Ivo. Entrevista ...

²⁵ THOMAZONI, Ivo. Entrevista ...

situação pôde ser contornada e as rádios Colméia, tanto em Pato Branco como em Francisco Beltrão, continuaram a funcionar livremente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

MEDITSCH, Eduardo. **A nova era do rádio**: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Disponível em <http://www.jornalismo.ufsc.br/bancodedados/meditsch-novaera.html>. Acesso em 30 de julho de 2006.

MIOTTO, Cirene Vanzella. **Rádio Celinauta 50 anos**: ondas que unem o Sudoeste do Paraná. Pato Branco: Fadep, 2004.

MOTTA, Márcia (org.). **Dicionário da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

ORTRIWANO, Gisela. O rádio no Brasil. In: A informação no rádio. São Paulo: Summus.

O ESTADO DO PARANÁ, 13 de novembro de 1957.

PEGORARO, Éverly. **Dizeres em confronto**: A Revolta dos Posseiros de 1957 na Imprensa Paranaense. Niterói, 2007. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense.

ENTREVISTAS

MATIELLO, Inelci Pedro. Entrevista concedida a Éverly Pegoraro em 07 de julho de 2006, em Pato Branco, Paraná.

THOMAZONI, Ivo. Entrevista concedida a Éverly Pegoraro em 12 de setembro de 2006, em Curitiba, Paraná.

TRENTO, Jácomo. Entrevista concedida a Éverly Pegoraro em 03 de maio de 2007, em Pato Branco, Paraná.